

## CONJECTURAS SOBRE A CULTURA FORMAL DA ESCRITA METODOLÓGICO-CIENTÍFICA E OS MODOS DE COMPREENSÃO HIPERMIDIÁTICA

Sérgio Bairon<sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo analisa a relação entre os modos de ser da compreensão, de um lado presentes na formalidade da escrita e, de outro, expressos nas potencialidades da linguagem hipermidiática. A metodologia científica elegeu a escrita analítica como a expressividade máxima da verdade científica, já a manifestação multimidiática da hipermídia tem demonstrado uma grande potencialidade de renovação à estrutura analítica do conhecimento. Para além da escrita, oralidades, imagens e sonoridades recebem cada vez mais espaço de expressão na linguagem digital e esse fato altera, definitivamente, o modo de ser da compreensão.

**Palavras-chave:** Linguagem hipermidiática. Escrita. Compreensão. Conhecimento. Cultura popular.

### ABSTRACT

The article analyzes the relationship between the modes of being of understanding. On one side is the formality of writing and on the other, the potential of hypermedia language. The scientific methodology has chosen analytical writing as the highest expression of scientific truth, while the manifestations of hypermedia has shown a great potential to renew the analytical structure of knowledge, so that in addition to writing, oralities, images and sounds are given more space in digital language changing so definitely, the modes of being of understanding.

**Keywords:** Hypermedia Language. Writing. Comprehension. Knowledge. Popular Culture.

<sup>1</sup> Livre-docente pela ECA-USP e professor livre-docente da Pós-graduação Latu-sensu da Escola de Comunicação e Artes da USP (ECA-USP).

Exercitamos até os dias de hoje o pré-juízo de que há uma superioridade, *a priori*, da escrita metodológico-científica no interior de todo processo de compreensão (DE CERTEAU, 1975; OLSON, 1997; BESANÇON, 1994). No entanto, nunca no Ocidente passamos por um momento tão propício para discutirmos o monopólio dessa premissa. A escrita alfabética dos gregos, ainda hoje, serve como modelo de divisor cognitivo das águas que separam as comunidades alfabetizadas das não alfabetizadas. Como afirma Rousseau, os selvagens, por não saberem escrever, pintam (ROUSSEAU, 1969). A visão de Rousseau está repleta da humanização e da racionalização científicas do século XVIII (GADAMER, 1975). Momento inaugural no qual a técnica de avaliação dos fenômenos culturais só podia ser consequente por meio de representações verbais escritas. As expressividades imagéticas, já em Rousseau, ficam muito aquém das apropriações da Natureza frente à escrita.

Quanto mais grosseira a escritura, mais antiga a língua. O primeiro modo de escrever não é pintar os sons, mas os próprios objetos, seja diretamente, como faziam os mexicanos, seja por figuras alegóricas, como fizeram outrora os egípcios. Esses estados correspondem à língua apaixonada e supõem já alguma sociedade e necessidade que as paixões fizeram nascer [...]. 'A pintura dos objetos convém aos povos selvagens' (ROUSSEAU, 1969, p. 49).

A barbárie não está exatamente no fato da sobrevalorização do imagético, mas, neste, em detrimento de recursos mais aptos à percepção da Natureza, que podem ser expressos pela escrita esclarecida. Rousseau privilegia a audição e sua única lamentação, quanto ao grande desenvolvimento da escrita, está no fato de que, proporcional ao aperfeiçoamento da língua, a melodia teve que ir se educando pela imposição de regras e perdendo a energia do improvisado. Para Rousseau, até mesmo uma avaliação superficial dos sentidos revela tal 'verdade':

Temos um órgão que corresponde ao da audição, a saber, o da voz; não temos, porém, um que corresponda à visão, e não emitimos cores como emitimos sons. Esse é mais um meio para cultivar o primeiro

sentido, exercitando-se mutuamente o órgão ativo e o órgão passivo (ROUSSEAU, 1999, p. 121).

Interessante notar que McLuhan, duzentos anos mais tarde, faria um caminho de classificação similar. Ele também chamou a atenção para a "galáxia" de radicais transformações que ocorreram no mundo da comunicação, desde os gregos, passando pela Idade Média até a Idade Moderna. Essa trajetória deixa claro o vínculo entre progresso intelectual e expressividade verbal, sobretudo, a escrita (MCLUHAN, 1972). Como veremos, o tema escrita/conhecimento/tecnologias digitais perpassa por questões que se desdobram a partir de análises que têm renovado profundamente suas reflexões sobre a linguagem.<sup>2</sup>

Por um lado, a escrita metodológico-científica é um sistema que representa apenas alguns sentidos dos atos da fala, remetendo o universo sógnico das expressividades presentes no "como foi dito" ao terceiro ou quarto planos. Muito distante de ser uma representação "completa" do mundo dos signos, a escrita científica pode menos ainda ser entendida como uma simples representação da fala. Diz Rousseau (1999, p. 54): "A escrita não passa da representação da fala; é estranho que se tenha mais cuidado com a determinação da imagem do que com o objeto". Essa é mais uma ideia de fundo aristotélico (para quem a escrita somente deveria representar a fala), que obteve seu primeiro grande crítico em Ferdinand Saussure, que não se conformava com o fato de ser a escrita, em detrimento da fala, privilegiada frente às pesquisas linguísticas até então realizadas (SAUSSURE, 1975). No entanto, foi somente na década de 1980 que alguns pesquisadores se declararam contrários à universal inquestionável superioridade do alfabeto como representação-mor do conhecimento (OLSON, 1997; GAUR, 1984; HARRIS, 1984; SAMPSON, 1985). Para alguns desses autores, a escrita não apenas não liberta, como escraviza. Seria o caso da problemática destacada pelos estudos das

<sup>2</sup> Reflexões acompanhadas principalmente pelos seguintes autores: Walter Ong, Michel De Certeau, Roland Barthes, Jacques Derrida, David Olson e Luis Felipe Barreto. A escolha desses autores ocorreu, fundamentalmente, em função da sua proximidade com a hermenêutica e a psicanálise.

isoglossas linguísticas na realidade europeia, em que fica claro, durante a história moderna, o processo de imposição da língua oficial nacional em detrimento dos dialetos regionais. Assim teria sido com a maioria das populações de tradição cultural popular frente à educação elitista (MANGUEL, 1997). Por outro lado, a valorização das culturas de tradição oral começou a emergir a partir de pesquisas antropológicas. Muito da cultura grega teria se desenvolvido na oralidade (HAVELOCK, 1987) e, mesmo no auge da irradiação da escrita na Grécia, havia um bom número de limitações referentes às suas potencialidades (BESANÇON, 1994). Até porque era uma minoria dos gregos do século V a.C. que sabiam ler e escrever. Essa realidade, somada à tradição do diálogo, teria ajudado a criar um ambiente propício ao desenvolvimento das noções dialógicas, recurso filosófico dependente do exercício do debate e da argumentação (ZUMTHOR, 1984).

Nesse sentido, devemos evitar a antiga estratégia de confundir os meios de comunicação com o conhecimento por eles produzido. Uma concepção filosófica pode ser super ou subutilizada, independentemente de se estar lidando com ela em forma oral ou escrita. A ênfase em qualquer meio de comunicação, como meio dominante, pode causar efeito apenas formal sobre o conteúdo do que está sendo transmitido.

O desafio de trabalhar o conteúdo informativo e/ou analítico nas mídias digitais não só implica enfrentar as tradicionais barreiras epistemológicas de ruptura entre imagem, texto, áudio etc., mas, sobretudo, superar a dificuldade de desenvolver uma tradição adequada em uma estrutura hipermediática, sendo que ainda enfrentamos a resistência de um discurso que acredita ter a escrita científica o poder único de produção formal do conhecimento.<sup>3</sup> Podemos até mesmo concordar com alguns autores que destacam tal fenômeno de maneira clara e direta, afirmando que o uso do conhecimento da escrita metodológica, como referência de capacitação individual e coletiva, enfrenta sérios equívocos. Isso porque, em vários aspectos, a forma com que

nos é apresentada esse tipo de manifestação escrita nos afasta tremendamente do cotidiano e de suas expressividades sonoras e imagéticas.

A atenção dada às habilidades de leitura subestima seriamente tanto o papel significativo dos elementos de compreensão implícitos que a criança traz para a escola, como a importância da linguagem oral no processo de tornar conscientes aqueles elementos — de transformá-los em objeto do conhecimento (OLSON, 1997, p. 29).

Ao contrário de Ong (1992), o escritor canadense David Olson não acredita na possibilidade de que “a escrita eleva a consciência”, pois, segundo ele, não podemos aceitar que simplesmente o fato de escrever amplia nossa compreensão de determinado fenômeno (OLSON, 1997). No entanto, é importante destacar as indicações de Olson como fundamentos a uma reflexão voltada à compreensão do fracasso da maioria das teorias que procuraram compreender a escrita metodológica sob o ponto de vista histórico-cultural. Os principais problemas estão localizados nos seguintes pontos: 1. o aprendizado da escrita metodológica, em vez de ser associado aos sistemas de notação e criação estética, foi associado à alfabetização dos iniciantes na linguagem científica; 2. em vez de se apresentar como uma interlocução por meio da estética de manifestações cotidianas e artísticas, como, quiçá, queria De Certeau, a escrita metodológica foi idealizada como incorporação da gramática e da lógica. A saída está no desenvolvimento de uma teoria que explore, *a priori*, as relações entre linguagem oral e escrita, especificamente no que se refere aos atos da fala. No extremo dessas teorias e na sua contramão, estariam os “sem-escrita”, aqueles que sempre foram vistos como ignorantes, *a priori*, seres humanos incapazes de raciocínio lógico: os analfabetos. É interessante notar como os analfabetos “civilizados”, segundo o juízo dos “letrados”, se aproximaram, ao longo da história, da imagem do indígena selvagem ou do trobriandês neolítico. No Brasil, tivemos Paulo Freire, que parece ter comprovado o contrário. Partindo exatamente do pressuposto de que o analfabeto tem um repertório de mundo que não pode ser esquecido (o modelo de alfabetização construtivista parece partir do mesmo princípio), Freire propõe que a escrita seja compreendida pela

<sup>3</sup> Uma das críticas mais consistentes frete a essa questão está exposta na obra *Verdade e Método*, de Hans Georg Gadamer, ao analisar a construção histórico-filosófica da metodologia científica.

criação de cenários com coisas e objetos estéticos que lhes são cotidianos. O mundo do analfabeto será construído como que numa enorme colagem de objetos (FREIRE, 1982). O ato de nomear é mera consequência de uma experiência de mundo. Nesse aspecto, talvez não fosse um exagero afirmar ser a experiência hipermidiática a melhor referência para o sentido.<sup>4</sup>

Enquanto a escrita oferece modelos para o que é dito, seus modelos para a interpretação do que é dito são menos adequados. Os problemas de leitura e interpretação surgem exatamente do que os textos não conseguem representar: a maneira ou a atitude de quem fala ou escreve, com respeito ao que é dito ou escrito (OLSON, 1997, p. 36).

Alguns autores chegam a radicalizar, afirmando que toda a nossa ciência é consequência primordial da maneira como aprendemos a criar e interpretar logico-metodologicamente textos escritos, “[...] isto é, da maneira como vivemos num mundo que está no papel” (OLSON, 1997, p. 36).

A partir daí, um grande número de questões que remetem à linguagem metafórica, à ruptura da linearidade, à valorização da oralidade cotidiana e, consequentemente, da cultura popular começam a assumir um papel fundamental nas reflexões teóricas sobre a possibilidade de existência da Hipermídia como a linguagem primordial da produção do conhecimento científico. O velho tratamento filosófico-fenomenológico dado à representação e à coisa representada passou a exigir, em sua própria historicidade, que aquele fosse passível de transposição ao tratamento hipermidiático. Algumas posturas frankfurtianas contribuíram muito para essa questão, à medida que pregaram ser a tomada de consciência muito mais uma consequência da atividade humana que a sua causa (BENJAMIN, 2007). O interessante, no caminho marxista de interpretação da tecnologia (de um Vygotsky, por exemplo), parece ser o fato de ter indicado o crescente processo de formalização que acontece quando do surgimento de uma nova tecnologia

de comunicação. Ou seja, o conhecimento, assim como a consciência dele passam a depender do entendimento formal dessa tecnologia.

Observamos como o mundo digital, durante um bom tempo, sustentou um “dialeto” que, geralmente, mais afastou do que incentivou o interesse dos usuários à sua exploração. No entanto, prefiro acreditar que os sintomas já indicados neste início de século, no sentido de aproximar a máquina das manifestações da subjetividade humana, ou seja, assumindo uma estética cotidiana, deva preponderar. Essa transformação já é bem visível no interior dos ambientes digitais de autoria (programas e ambientes usados para produzir expressividades hipermidiáticas como comunicação integrada), quando se tornaram dependentes muito mais de um caminho icônico e indiciário do que sintático. Não são mais o resultado de uma sintaxe de programação só dominada pelo especialista. Nesse caminho, a expectativa fica sempre no sentido de que, no mundo digital, aos poucos, imagens, sons e animações, tomem cada vez mais o espaço da sintaxe verbal especializada.<sup>5</sup>

Movimento similar parece ter ocorrido quando da propagação da imprensa, ainda na época da galáxia de Gutenberg, pois a leitura passou a ser uma atividade fruto da individualização. Esse processo já vinha sendo manifestado em vários patamares no interior da emergência da sociedade moderna.

Os entusiasmos dos escritos de McLuhan nascem do seu escopo transparente; detalhes de suas hipóteses a respeito do homem real, do homem que domina a escrita, do homem eletrônico, e assim por diante, continuam sendo metáforas apropriadas, mas têm utilidade teórica limitada (OLSON, 1997, p. 54).

À oralidade “restam” a circularidade popular cultural, assim como o exercício da essência das relações dialógicas (KUHN, 1991). De certa forma, essa dualidade também está presente, ainda hoje,

<sup>4</sup> Essa é uma importante concepção fenomenológica que pode ser aprofundada pela leitura das obras de Michel De Certeau.

<sup>5</sup> O caminho apresentado pela utilização do ícone, como substituto da função de programação, parece ter sido um passo decisivo para que o mundo digital invadisse nosso cotidiano. Um belo trabalho que aborda esse assunto foi feito por Schulmeister, Rolf. **Grundlagen hypermedialer Lernsysteme: Theorie, Didaktik, Design.** Bonn, Addison-Wesley, 1996.

nos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, quando a banca tende a valorizar muito mais o texto escrito do candidato do que propriamente sua defesa oral. O próprio nome é sintomático: “defesa oral”. Assim, a oralidade serve, no máximo, para apresentar alguma justificativa referente ao texto escrito, mas não como forma inaugural da racionalidade. Nesse velho confronto, expressão letrada *versus* oralidade, a antropologia visual tem destaque, por intermédio de vários trabalhos<sup>6</sup>, não haver muita diferença no que tange à qualidade da compreensão entre representações letradas ou audiovisuais, já que ambas podem ser importantes.

Nas pesquisas que temos desenvolvido junto a comunidades, notamos que a utilização do método etnográfico audiovisual influencia tremendamente no sentido de propiciar um imenso diálogo com os interlocutores sociais sobre os conhecimentos envolvidos (acadêmicos e tradição oral). No caso da pesquisa sobre a Coroação de Reis Congo (ritual que ocorre em grande parte do interior do Brasil), quanto mais utilizamos áudio e vídeo, mais ocorre um processo de compartilhamento de construção do conhecimento e, inevitavelmente, maiores são as consequências de socialização do conhecimento. A própria decisão de construirmos hipermídias, em vez de somente textos e artigos científicos, tem sido fundamental nesse sentido.



**Fig.1 - A hipermídia Coroação de Reis Congo contém 21 filmes, construídos com a colaboração ativa das comunidades envolvidas na pesquisa.**

O que estou procurando supor, neste momento, pela escrita, é a hipótese de que esta não poder ser considerada a única e mais potente forma de compreensão no meio acadêmico, pois tal fato acaba condenando ao ostracismo o mundo do imaginário popular como o legítimo representante do conhecimento (OLSON, 1997). Estou quase a ponto de concordar com Olson, quando afirma que os sistemas gráficos da escrita metodológico-científica proporcionam à consciência uma certa segurança a respeito da categoria verdade, mas quase nada contribuem para a compreensão da complexidade que existe nas manifestações culturais multimidiáticas (OLSON, 1997). Nessa trajetória, o autor defende a ideia de que a escrita não chega nem perto de contemplar a complexidade da estrutura do pensamento e da forma de ser de nossa compreensão. Em toda cultura alfabetizada, há uma tendência de se observarem as culturas populares como se fossem representações lógicas dos conceitos e das teorias.

Este é o ponto central no que tange à escrita metodológico-científica: ela representa apenas uma parte do todo da compreensão conceitual. Sequer pode ser um modelo conseqüente para a o diálogo com as comunidades pesquisadas, daí nossa opção pela criação de ambientes audiovisuais e interativos, como resultado das pesquisas desenvolvidas. Todos os produtos acadêmicos acabam carregando consigo as relações dialógicas que produzimos com as comunidades. No caso da Pesquisa Coroação de Reis Congo, os membros das comunidades participaram das filmagens, opinaram sobre as montagens e, em alguns casos, produziram as imagens e as conexões entre os conteúdos. Não está mais do que na hora de repensarmos as formas de produção e divulgação do conhecimento científico, sobretudo, nas áreas de ciências humanas e ciências sociais aplicadas?

<sup>6</sup> É o que têm apontado os recentes trabalhos de Sarah Pink, como, por exemplo, **The future of visual anthropology**. New York, London: Routledge, 2006.

## REFERÊNCIAS

AUERBACH, Eric. **Introduction aux études de philologie romane**. Frankfurt, DE: Vittorio Klostermann, 1970.

BAIRON, Sérgio; PETRY, Luis Carlos. **Hipermídia, psicanálise e história da cultura**. São Paulo, SP/ Caxias do Sul, RS: Educs; Mackenzie, 2000.

\_\_\_\_\_.; Ribeiro, SILVA, José da. **Antropologia Visual e Hipermídia**. Porto, PT: Afrontamento, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Einbahnstrasse**. Frankfurt, DE: Suhrkamp, 1977.

BOLTER, Jay David. **Writing space: the computer, hypertext, and the history of writing**. Hillsdela, US: N.J. Lawrence Erlbaum, 1991.

BURDEA, Grigore; COIFFET, Philippe. **Tecnologías de la realidad virtual**. Barcelona, ES: Paidós, 1996.

CALABRESE, E. **La era neobarroca**. Madrid, ES: Cátedra, 1989.

DARLEY, Andrew. **Visual digital culture**. London, UK: Routledge, 2002.

GADAMER, Hans Georg. **Der Anfang des Wissens**. Reclam: Ditzingen, 1999.

\_\_\_\_\_. **Estética y hermenéutica**. Madrid, ES: Technos, 1991.

\_\_\_\_\_. **Wahrheit und methode**. Tübingen, DE: J.C.B. Mohr, (1975-1988). 2 volumes.

\_\_\_\_\_. **Die Atualität des Schönen: Kunst als Spiel, Symbol und fest**. Stuttgart, DE: Philipp Reclam, 1977.

HANSEN, Mark. **Embodying Technesis**. Michigan, US: Michigan Press, 2000.

\_\_\_\_\_. **New philosophy for new media**. Cambridge; London, UK: MIT Press, 2004.

\_\_\_\_\_. **Bodies in code**. New York, US: Routledge, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **Der Ursprung des Kunstwerkes**. Frankfurt, DE: Vittorio Klostermann GmbH, 1952.

\_\_\_\_\_. **Die Frage nach dem Ding: zu Kants Lehre von den transzendentalen Grundsätzen**. Tübingen, DE: Niemeyer, 1985.

\_\_\_\_\_. **Sein und Zeit**. Thomas Rentsch, Akademie-Verlag, 2001.

HEIM, Michael. **Electric language**. New York, US: Oxford University Press, 1992.

\_\_\_\_\_. **Virtual realism**. New York, US: Oxford University Press 1998.

LANDOW, George; DELANY, Paul. **Hypermedia and literary studies**. Cambridge; London, UK: MIT Press, 1991.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo, SP: Editora 34, 1999.

MACKAY, Hugh; O'SULLIVAN, Tim. **The media reader: continuity and transformation**. London, UK: Sage Publications, 1999.

MCLUHAN, Eric. **Electric language**. New York, US: St. Martin's Press, 1998.

HILLIS, Ken. **Digital sensations**. Minneapolis, US: University of Minnesota Press, 1999.

MANDELBROT, Benoit. **The fractal geometry of nature**. Nova York, US: W.H. Freeman and Company, 1977.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo, SP: Perspectiva, 1987.

OLSON, David. **O mundo no papel**. São Paulo, SP: Ática, 1998.

QUÉAU, Philippe. **Lo virtual**: virtudes e vértigos. Barcelona, ES: Paidós, 1996.

SANTAELLA, Lucia. **Produção de linguagem e ideologias**. São Paulo, SP: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. **Matrizes da linguagem e pensamento**: Sonora Verbal Visual. São Paulo, SP: Iluminuras, 2001.

SLOTERDIJK, Peter. **Sphären I**: Blasen. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1998.

\_\_\_\_\_. **Sphären II**: Globen. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1999.

\_\_\_\_\_. **Sphären III**: Schäume. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2004.

THAMES AND HUDSON. **The Arcimboldo effect**. Milano, IT: Gruppo Editoriale Fabbri, Bompiani; Sonzogno, 1987.

TURKLE, Sherry. **Life on the screen**. New York, US: Touchstone, 1997.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Lisboa, PT: Calouste Gulbenkian, 1989.

\_\_\_\_\_. **O Livro Castanho**. Lisboa, PT: Edições 70, 1984.

\_\_\_\_\_. **O caderno azul**. Lisboa, PT: Edições 70, 1987.